



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 5, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 5 - EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.05.27>

Recebido em: **10/08/2020**

Aprovado em: **18/08/2020**

O LUGAR DE FALA DA MULHER NA LITERATURA: A DEMOCRATIZAÇÃO DO DISCURSO FEMININO
WOMENS SPEAKING PLACE IN LITERATURE: THE DEMOCRATIZATION OF FEMALE DISCOURSE
LUGAR DE LAS MUJERES EN LITERATURA: LA DEMOCRATIZACIÓN DEL DISCURSO FEMENINO

THAIS HAYANA DOS SANTOS ANDRADE

<https://orcid.org/0000-0001-5038-9219>

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo discutir as práticas discursivas utilizadas pela classe feminina e seus impactos na sociedade a fim de compreender o lugar de fala da mulher na literatura e alavancar a democratização do discurso literário feminino em função da valoração do gênero. Qual a importância de um discurso de minorias ao longo dos anos? Quais os impactos da democratização discursiva na sociedade? Para responder estes questionamentos, foi feita uma análise bibliográfica do discurso feminino em obras literárias, através de uma abordagem qualitativa. Assim, considera-se que a propriedade discursiva adquirida pela mulher é o resultado de suas experiências socioculturais. A abordagem deste tema justifica-se pela importância da democratização do discurso feminino no meio literário e abre uma gama de possibilidades de avanços socioculturais.

Abstract:

This work aims to discuss the discursive practices used by the female class and its impacts on society in order to understand the place of speech of women in literature and to leverage the democratization of female literary discourse according to the valuation of gender. How important is a minority discourse over the years? What are the impacts of discursive democratization on society? To answer these questions, a bibliographic analysis of the female discourse in literary works was made, using a qualitative approach. Thus, it is considered that the discursive property acquired by women is the result of their socio-cultural experiences. The approach to this theme is justified by the importance of the democratization of female discourse in the literary environment and opens up a range of possibilities for socio-cultural advances.

Currículum:

Este trabajo tiene como objetivo discutir las prácticas discursivas utilizadas por la clase femenina y sus impactos en la sociedad para comprender el lugar del discurso de las mujeres en la literatura y aprovechar la democratización del discurso literario femenino de acuerdo con la valoración del género. ¿Qué tan importante es un discurso minoritario a lo largo de los años? ¿Cuáles son los impactos de la democratización discursiva en la sociedad? Para responder a estas preguntas, se realizó un análisis bibliográfico del discurso femenino en obras literarias, utilizando un enfoque cualitativo. Por lo tanto, se considera que la propiedad discursiva adquirida por las mujeres es el resultado de sus experiencias socioculturales. El enfoque de este tema se justifica por la importancia de la democratización del discurso femenino en el entorno literario y abre una gama de posibilidades para los avances socioculturales.

1 INTRODUÇÃO

As mulheres, sempre foram, ao longo do desenvolvimento humano, minimizadas socialmente. Esta problemática é atemporal e envolve uma série de fatores, dentre eles, a necessidade de dominação masculina, a estrutura familiar que sempre teve em figuras paternas a imagem de liderança, a referência falocrática, a estruturação social que colocou o homem como um ser posicionado socialmente de maneira favorecida em relação à mulher. Este fator de privilégio impôs à mulher a soberania masculina, assim, o gênero mais favorecido passou a ser o dominante e o menos favorecido o dominado. A longo prazo o gênero feminino, se sentindo oprimido, sentiu a necessidade de transpor a barreira da dominação masculina, é nesse momento que a hierarquia dos sexos começa a ser rompida, rompe-se também o posicionamento literário feminino, surgem mudanças na oralidade, na vestimenta, no comportamento e daí em diante mudanças significativas surgiram na relação homem, mulher e mundo.

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. (BEAUVOIR, 1970, p.81)

Depois da tímida inserção das mulheres nas atividades sociais, criou-se, pela classe feminina uma expectativa para que, em curto prazo, a mulher conquistasse um relevante posicionamento sociocultural no século XVIII. De acordo com Beauvoir (1970), o ideal democrático e individualista do século XVIII é favorável às mulheres; elas apresentam-se à maioria dos filósofos como seres humanos iguais aos do sexo forte. Essa perspectiva, por sua vez, passou por diversas modificações ao longo dos anos, e não era majoritária, a figura feminina buscou nesse espaço de tempo por colocações sociais baseando-se nas suas experiências para manter o posicionamento, o lugar de fala, e a democratização discursiva. Relevantemente, durante a trajetória social feminina, inúmeros feitos foram alcançados pelas mulheres no meio acadêmico, cultural, literário e principalmente no avanço discursivo, que as levou ao papel de protagonismo no âmbito dos avanços socioculturais. Segundo Beauvoir (1970), em seu conjunto, o movimento reformista que se desenvolve no século XIX é favorável ao feminismo, pelo fato de buscar a justiça na igualdade. O feminismo teve um papel de extrema importância e caminhou juntamente com os avanços femininos no meio social, foi apontado por Hall (2006), como um dos cinco avanços da ciência e do pensamento humano que descentram o sujeito contemporâneo, que aponta para as mulheres como fonte sustentadora de uma transformação sociocultural.

Os obstáculos para se colocar no papel de protagonismo, inclusive no meio literário, foram muitos. A mulher enfrentou uma luta atemporal pela preferência do leitor, pela libertação dos estereótipos aos quais estava incrustada. Rompeu todos os limites a ela impostos ao longo dos séculos, se adaptou ao meio e ao espaço sociocultural que estava envolvida no momento para se ressignificar e moldar suas perspectivas de acordo com os espaços que lhe era cedido. De acordo com a escritora contemporânea Miriam Alves (2010, p. 01), ‘ser mulher e escritora no Brasil é romper com o silêncio, a ‘não-fala’ e transpor os espaços que definem procederes e funções preestabelecidas[...] é ultrapassar os limites do ‘do lar [...]’. A vivência fez, a longo prazo, que esse gênero desenvolvesse mecanismos para se colocar na sociedade, então, o domínio da norma padrão associado à modernização de suas práticas

discursivas abriu espaço para a colocação social feminina, bem como as experiências culturais por elas adquiridas.

Segundo Bagno (2009), o domínio da norma-padrão aliado à participação ativa e consciente nas decisões políticas modificam a vida social do sujeito. O indivíduo que não tem o domínio efetivo da norma linguística padrão é desprivilegiado socialmente, estando este fator atrelado a participação política do sujeito se torna um conjunto capaz de impulsioná-lo socialmente, se porventura o sujeito não atingir os requisitos necessários, ele é automaticamente inferiorizado socialmente. É uma relação intrínseca à sociedade seletiva à qual pertencem os seres humanos, porém, nem sempre justa. Compreender a relação social do sujeito com o meio em que está inserido é indispensável para entender o discurso literário. Fatores inerentes ao âmbito social são necessários para o desenvolvimento discursivo do sujeito. A análise do discurso aborda a importância que têm as influências gramaticais, discursivas, literárias e sociais que foram usadas por mulheres ao longo dos anos e deixa claro como essas influências modificaram o posicionamento sociocultural e comportamental do sujeito, bem como, o modo que a classe feminina modificou-se através do seu poder de adaptação discursiva atemporal. Assim, formando uma mulher proficiente discursivamente na contemporaneidade. Afinal, quais os efeitos sociais da intermediação discursiva e das propriedades experienciais femininas a longo prazo?

Para esclarecer esse questionamento, será feita uma discussão sobre o lugar e a relevância da fala da mulher na literatura, além de uma análise literária do primeiro romance escrito por uma mulher, no Brasil, (*Úrsula*), a fim de esclarecer o processo pelo qual o discurso literário feminino foi submetido ao longo dos avanços sociais, e como ele está diretamente ligado às aderências discursivas às quais essas mulheres foram submetidas pela face sociológica.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de aprofundar a temática da inserção da mulher no meio literário e a importância de suas influências discursivas nas relações sociais. Esta pesquisa utilizou como base os seguintes teóricos contemporâneos: Alves (2011), Alves (2013), Barros (2016), Bagno (2009), Beauvoir (1970), Bortoni (2005), Duarte (2004), Duarte (2005), Evaristo (2015), Fairclough (2001), Gomes (2008), Gregori (2017), Hall (2006), Hayana (2019), Hooks (2016), Labov (2008), Nogueira (2016), Reis (2018), Ribeiro (2017), Resende (2019), Rossini (2014), Sarfati (2010), Vanoye (2007), Weinreich (2006).

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA LITERATURA E O LUGAR DE FALA

No final do século XVIII e início do século XIX a mulher não tinha autonomia para assumir seu próprio posicionamento intelectual e discursivo, desde então, foi travada uma luta que transcenderia gerações femininas em busca de igualdade social, financeira, de direitos e de deveres, e inclusive intelectual e discursiva. Essa luta se inicia segundo Beauvoir (1970) quando o súbito desenvolvimento da indústria exige uma mão-de-obra mais considerável do que a fornecida pelos trabalhadores masculinos, a colaboração da mulher é necessária. Essa é a grande revolução que, no século XIX, transforma o destino da mulher e abre, para ela, uma nova era. Com a revolução industrial, inicia-se o processo de construção identitária da mulher moderna, compondo um perfil feminino até então não existente, transformando a mulher em mão de obra necessária nas fábricas que abriam e necessitavam de funcionários em larga escala de produção favorecendo o movimento feminista que tem como uma de suas vertentes a igualdade.

A iniciação da mulher no meio literário, fenômeno que segundo Nogueira (2016) se iniciou nos Estados Unidos e na Europa a partir dos anos 1960 e 1970, alavancando os padrões literários existentes, calçados em ideologias de gênero, se potencializou no Brasil com a publicação da primeira obra literária escrita por uma mulher. “*Úrsula*” foi publicada em 1859 por Maria Firmina dos Reis, e trazia a perspectiva da escravidão pelos olhares de uma mulher afrodescendente”. (HAYANA, 2019 p. 2)

Os primeiros trabalhos literários foram surgindo vagarosamente, e a mulher passou a se tornar um agente de transformação social, a representação literária feminina cresceu, mas, apesar da ascensão, um patamar de igualdade intelectual não era reconhecido socialmente e muitas vezes os textos de literatura feminina só eram publicados se fossem assumidos publicamente com autoria masculina, provocando assim, um silenciamento da voz literária feminina. O posicionamento falocrático^[1] inquietou muitas mulheres ao longo das gerações, a inserção das mulheres no cenário literário foi lenta e árdua, os textos de autoria feminina foram se sobressaindo vagarosamente, por vezes, pegando carona no contexto histórico e social no qual estavam inseridos, rompendo com padrões sociais impostos a gerações anteriores. De acordo com Alves (2010, P. 2),

Nas várias abordagens teóricas, depoimentos, textos poéticos e ficcionais, a escrita da mulher passa a violar este silenciamento. No cenário literário da contemporaneidade brasileira, com repercussões internacionais, no plano ficcional, surge uma voz ativa por meio da qual sobressai, quase sempre, o sentimento de inconformidade com os espaços reais e literários relegados às mulheres. É num aperto de espaço definido, ou predefinido, onde está incrustada, que a mulher escreve, inscreve, re-escreve, enunciando, denunciando e, a partir da palavra, tenta romper, desbloquear, deslocar ou deslocar-se..

A mulher escreveu e participou da literatura a frente de suas produções e de sua propriedade linguística, porém, assumindo uma fala de ascensão social, tendo em vista que a literatura de massa, consumida por grande parte da população, ainda se prevalecia hegemonicamente masculina. Muniz Sodré (1997) entende que haveria dois tipos de literatura, cada uma dotada de especificidades no tocante à produção e ao consumo, sendo por ele denominadas de literatura “cult” e “de massa”. Assim sendo, a tão sonhada democratização do discurso literário feminino estava longe de ser alcançada plenamente e o sonhado reconhecimento das lutas feministas, anti-falocráticas e anti-sexistas ainda precisavam ser atingidos em sua plenitude. As obras mais comercializadas no Brasil ainda eram, majoritariamente, escritas por homens e brancos. A literatura que prolifera entre “linguagem e gênero” contém estudos que sugerem assimetrias entre mulheres e homens (em favor dos homens) quanto ao total do tempo de fala, o início de tópicos, a probabilidade de interrupção e outros (FAIRCLOUGH, 2001, p. 252).

Sendo assim, a luta das mulheres pela democratização do discurso literário é também uma causa de gênero, pois apesar de avanços alcançados pela luta feminista por igualdade social, política, ideológica e filosófica terem dado um significativo salto social, a pluralidade de causas seria um fator determinante para essa temática se estender contemporaneamente e tornar-se atemporal.

[as] **mulheres** têm passado ao longo dos anos por um **processo** doloroso de **construção identitária e intelectual** no Brasil. Essa situação se agrava quando nesse processo são inseridas as questões de gênero e raça na **luta pelo protagonismo feminino literário**, visto que, existe na sociedade contemporânea, apesar dos grandes avanços da luta feminista e antirracista, um bloqueio ainda de difícil solução a respeito da mulher negra ser inserida igualmente no meio acadêmico, intelectual, e literário (HAYANA, 2019, p. 01, grifo nosso)

Esse processo de inserção de gênero vem sendo galgado por muitas gerações e só no momento social atual vem sendo compreendido, mesmo que timidamente. Há de se reconhecer a importância de muitas cânone literárias como, Lygia Fagundes Telles, Carolina Maria de Jesus, Lygia Bojunga, Djamilia Ribeiro, Adélia Prado, Conceição Evaristo, Hilda Hilst e Cora Coralina, Maria Firmina dos Reis, Cecília Meireles que não deixaram de escrever mesmo diante das opressões, e deram voz

feminina ao discurso literário abrindo caminho para tantas outras. É importante frisar que o contexto sociocultural foi de suma importância no desenrolar do contexto histórico em que hoje está inserida a literatura feminina, foi ele que despertou as influências culturais femininas em suas obras e também que ponderou no resto da sociedade um pensamento crítico que ajudou a mulher a ter suas ideias propagadas.

O fim do século XIX e início do século XX foi marcado por uma ascensão literária feminina significativa, até então, pouco se ouvia falar em mulheres escrevendo obras literárias e muito menos inseridas no mercado, mas foi a partir daí que a literatura feminina começou a ganhar destaque inclusive, na literatura de massa. É muito significativo pensar que mulheres escrevem, e através de suas escritas registram historicamente, o contexto social de determinada época, assim como características subversivas de determinados momentos da história, criando uma memória cultural escrita por mulheres em uma época que esse tipo de escrita era uma raridade. Segundo Rossini (2014, p.3)

A literatura de autoria feminina suscita um novo olhar sobre a produção literária produzida desde meados do século passado até os dias de hoje. O cânone literário ocidental, historicamente representado por homens, brancos e da elite social, possuidor de um caráter impregnado por ideologias, excluía qualquer tipo de produção literária que não correspondesse aos modelos propostos pela hegemonia masculina.

A partir deste momento os trabalhos literários de autoria feminina começam a ganhar destaque levando a voz literária feminina ao rompimento com os padrões sociais impostos à época. Ocorre que as mulheres, até então silenciadas e deixadas à margem, foram impulsionadas a emancipar-se no campo literário e a lançar questionamentos sobre os discursos hegemônicos, promovendo uma quebra nos discursos arraigados pela tradição (ROSSINI, 2014 p.4). Este rompimento dos padrões pela classe feminina desembocaria posteriormente nos movimentos sociais de gênero. Segundo Alves (2013, p.114),

As tendências do movimento feminista tiveram início no final do século XIX e se estenderam pelas três primeiras décadas do século XX. O movimento sufragista, que teve à frente Bertha Lutz, foi o foco da primeira tendência. Com uma forte onda feminista se iniciando nos Estados Unidos ficava claro que esse movimento iria estourar, também no Brasil e romperia padrões culturais antes impostos à sociedade, dando voz à literatura, e protagonismo as obras de autoria feminina.

No Brasil não foi diferente, apesar de mais timidamente do que nos países mais desenvolvidos, as produções femininas se engrandeciam cada vez mais. Com o passar do tempo as produções elas foram ganhando espaço e voz na literatura e passaram a difundir a forma feminina de pertencer a uma categoria de gênero historicamente subjugada e oprimida (ROSSINI, 2014 p.10). A mulher, muitas vezes desumanizada por questões de raça, segue em busca de reconhecimento do seu lugar de fala. Sua posição social menos favorecida desencadeou um processo seletivo dentro de seu próprio gênero. Nesse caso “uma mulher negra vai ter experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de uma outra forma” (RIBEIRO, 2017, p. 02).

Já não bastasse a luta por colocação social igualitária com o gênero oposto, resta a mulher destacar-se também em função de sua etnia. O posicionamento da mulher negra ainda se torna mais dificultoso, afinal, a sociedade preconceituosa não se rende as experiências culturais de herança afro. Partindo do pressuposto que todos, socialmente, têm o direito a se posicionar de acordo com sua

bagagem sociocultural, a propriedade discursiva, ou seja, o lugar de fala, não é algo que se encontra engessado em determinado grupo social. Obviamente, algumas pessoas têm legitimidade sobre seus discursos em razão de suas vivências e de suas experiências culturais, mas nem sempre os discursos literários oferecidos são convenientes socialmente.

Muitas vezes o discurso feminino precisou se adaptar ao momento histórico e cultural ao qual estava submetido. Conforme Ribeiro (2017) todos os caminhos percorridos até aqui foram importantes para que pudéssemos ter um maior entendimento do que é lugar de fala, o lugar social que as mulheres ocupam. Segundo dados do Instituto de pesquisa econômica aplicada (IPEA) a cada 90 minutos uma mulher é vítima de feminicídio no Brasil. Esses dados são alarmantes, mas nos levam a questionar sobre o quanto as mulheres brasileiras têm legitimidade para discursar sobre tal assunto, visto que, têm vivência para tal, assim como a população negra e LGBT, sobre suas causas específicas. Essas experiências não são inerentes a determinado grupo social, o discurso literário feminino é uma válvula escapatória para as mazelas que afligem o gênero, que através das experiências vividas foi legitimado para externar os seus propósitos. Assim, mulheres têm legitimidade para discursar sobre feminismo, negros sobre racismo, gays e lésbicas sobre a luta LGBT, mas não só eles e não só sobre eles. O lugar de fala é uma carta aberta para o autoconhecimento, sendo assim, indispensável para a construção de um discurso forte, conciso, estável e próprio da mulher.

Tanto no discurso como de um modo mais geral, a democratização tem sido um parâmetro importante de mudança nas últimas décadas, mas em ambos os casos o processo tem sido muito desigual (FAIRCLOUGH, 2001, p. 248). A democratização discursiva abre acesso aos vários grupos sociais, inclusive o feminino, e aproveita sua força para firmar cada vez mais a mulher no seu papel sociocultural, buscando uma homogeneidade racial e discursiva que é essencial para inserir eficientemente a literalidade feminina na elite dos discursos, igualando, assim, as questões de gênero. Essa igualdade está diretamente ligada a valoração do discurso, ainda que, o discurso feminino não tenha galgado todos os degraus até o ápice do reconhecimento literário.

Todas as dificuldades já superadas pelo gênero até aqui, são como um caminho que leva ao alcance e reconhecimento de uma identidade de gênero, almejada pelas mulheres, porém, ainda em processo de ascensão. Democratizar o discurso literário significa dar acesso, tornar popular, ao alcance do povo, distribuir a cultura a fim de garantir o acesso igualitário dos diferentes indivíduos, e assim, ampliar o acesso às práticas discursivas literárias provenientes de mulheres. A importância da democratização está no acesso, no número de pessoas atingidas por uma forma literária, antes, negada sociologicamente. Mas por que a democratização do discurso ainda é uma utopia para a classe feminina? Por que mesmo diante de tantos avanços o poder discursivo da mulher continua renegado socialmente?

Os movimentos sociais que colocaram a mulher no protagonismo não tiveram força o suficiente para fazer com que a mulher fosse respeitada plenamente pela sua produção literária, muito menos que o respeito e o reconhecimento se mantivessem homogêneos numa sociedade machista, sexista, falocrática. A luta por reconhecimento é transversal, constante e desgastante. O feminismo, principal movimento social em prol a igualdade de direitos entre homens e mulheres, por exemplo, se reinventou várias vezes desde o início, buscando alcançar novas conquistas explorando cada uma de suas ondas, sempre galgando novos avanços.

A primeira onda feminista foi em busca do voto, da educação e do direito à herança, a segunda onda feminista foi responsável pela continuidade da luta pelo aumento dos direitos femininos, pelo fim da discriminação e completa igualdade entre os gêneros a partir da terceira começou a pensar em mulheres, no plural, e sobre sua pluralidade social, quebra de paradigmas. Há autores que citam uma quarta onda feminista iniciada no século XXI, associada ao uso das redes sociais.

Em suma, a situação atual a cada dia se torna mais preocupante, seguindo na contramão de todas as prerrogativas das lutas sociais e políticas até então

conquistadas, que vinham mesmo que gradativamente, garantindo minimamente a efetivação de direitos. Esta conjuntura remete a reflexão de que o movimento feminista, se já não está em outra era, enfrenta mudanças sistemáticas, engendradas em relações internacionais, que implicam a necessidade de novas intervenções e demasiada resistência. (GREGORI, 2017, P. 64)

Surge aí a preocupação de estar andando na contramão da submissão, a necessidade de tantas interferências em um movimento social que deveria garantir os direitos femininos sem quaisquer questionamentos ou interferências externas, porém estes direitos têm que ser comprovados num curto intervalo de tempo pois a aceitação das conquistas femininas ainda é frágil. Segundo Gregori (2017), o movimento precisa romper questões culturais, sociais, educacionais e alçar até mesmo a seara política. Assim, conclui-se que embora tenha rompido limites, ultrapassado fronteiras, conquistando novos espaços de atuação e possibilitando o florescer de diferentes práticas, iniciativas e identidades, o caminho dos feminismos, para alcançar equidade, ainda é longo.

ÚRSULA, O ROMPIMENTO DO SILÊNCIO LITERÁRIO FEMININO

Primeira obra de autoria feminina produzida no Brasil, o romance de Maria Firmina dos Reis, intitulado *Úrsula*, data de 1859, e foi escrito no Maranhão, fato que torna esta produção literária ainda mais relevante, visto que, em pleno século XIX, uma mulher dar autoria a uma obra de extrema relevância e raridade seria um fato extraordinário. *Úrsula* rompeu a não fala das escritoras mulheres num momento em que apenas homens exerciam protagonismo literário no Brasil, apesar da excludente autoria, que ficou subentendida pelo pseudônimo “Uma Maranhense”, até ser estudado e comparado a outras obras. Não se tinha notícias de nenhuma outra obra escrita por uma mulher na literatura brasileira antes de *Úrsula*, que posteriormente seria assumida a autoria à escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, que provavelmente por receio de se apresentar como escritora, permanecera no anonimato por mais de um século, até ser reconhecida no meio intelectual como a autora da obra. É compreensível que em tal ocasião uma mulher tenha se eximido da escrita, visto que numa sociedade extremamente sexista, mulheres não podiam se expressar literariamente e nem socialmente pois estavam tendenciosas a estarem por trás da masculinidade falocrática que por tantos séculos sucumbiu o posicionamento feminino.

Como era comum numa época em que as mulheres viviam submetidas a inúmeras limitações e preconceitos, Maria Firmina dos Reis omite seu nome tanto na capa quanto na folha de rosto de *Úrsula*, ali consignando apenas o pseudônimo “uma maranhense”... Desta forma, a ausência do nome, aliada à indicação da autoria feminina e, ainda, a procedência da distante província nordestina, juntam-se, conforme veremos, ao tratamento absolutamente inovador dado ao tema da escravidão no contexto do patriarcado brasileiro. (DUARTE, 2004, P. 1)

A autora escreveu o texto com narrador em terceira pessoa, com todas as características de uma obra de cunho romântico: os personagens, o drama, o amor, as mortes, o melodrama, aparecem enfatizados na narrativa delicada desta história de amor. Infere-se do texto que a autora pouco valorizava sua obra, que já se inicia menosprezando a importância. ‘Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou à lume’. (REIS, 1859, p.5). Segundo (Duarte, 2004) O que Maria Firmina dos Reis não contara é que *Úrsula* se tornaria além de um romance escrito por uma mulher, uma obra que iria marcar a literatura afro-brasileira, já que se trata de uma obra que aborda o tema escravidão de uma forma muito intimista, retratando os pesares de ser negro no Brasil e de como a

escravidão deixou fortes marcas na história das pessoas que neste país, se submeteram ao trabalho escravo.

Percebe-se neste contexto, o quão relevante foi *Úrsula*, ao romper os paradigmas de uma sociedade que não estava habituada com a escrita feminina, e além disso, de tratar a escravidão como tema urgente e importante naquele momento histórico e com um olhar romancista. A obra vai do capítulo I ao XX trazendo como tema de seus capítulos (Duas almas generosas; O delírio; A declaração de amor; A primeira impressão; A entrevista; A despedida; A Delaide; Luiza B; A Preta Suzana; A mata; O derradeiro Adeus! ; Foge! ; O cemitério de Sancta-Cruz; O regresso; O convento de***; Fernando P; Túlio; A dedicação; O desperta; A louca; mais o epílogo que traz uma recapitulação e resumo do desfecho, explorando uma linguagem extremamente romântica, rica em detalhes da natureza, dos animais, e da penosa e profunda melancolia romântica na qual se deleitam os personagens que são descritos pela autora com uma riqueza de detalhes emocionais. Os personagens que se entrelaçam na trama de narrativas, relatam uma história que mista a escravidão com a amizade, o amor a compaixão. A literariedade qualitativa da obra é significativamente expressada em sua escrita delicada e à altura de uma obra de primeira linha, apesar do desconhecimento da autoria, que surpreenderia posteriormente.

Como uma forte característica romântica *Úrsula*, traz uma abordagem feminina para as obras literárias brasileiras oitocentistas, num momento em que a mulher tenta romper o silenciamento da literatura feminina, em meio ao século XIX, onde, era expressamente marcante o domínio da literatura de massa pelo homem branco. O romance de Maria Firmina dos Reis se torna uma obra divisora de águas na história da literatura brasileira. Reconhecimento e prestígio não foram os principais objetivos da autora ao escrever a obra, porém, depois do reconhecimento da autoria, a identificação de uma literatura negra e feminina de qualidade foi um marco para a literatura brasileira. Como cita Duarte (2005, p 5),

No caso, um suplemento de gênero, que desconstrói a narrativa eminentemente masculina até então em vigor. Note-se que, no mesmo ano em que Luiz Gama publicava suas Primeiras trovas burlescas, Maria Firmina dos Reis trazia a público *Úrsula*. Deste modo, se a Literatura Afro-brasileira tinha, em 1859, um de seus marcos precursores, após a redescoberta de *Úrsula*, passa a ter dois...

Com o reconhecimento de *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis ficou reconhecida como primeira romancista negra brasileira, trazendo uma importância relevante à sua obra e à escrita feminina no Brasil, abrindo portas e inspirando as escritoras que viriam, posteriormente, compor a literatura de massa brasileira com nomes femininos de grande gabarito como: Clarice Lispector, Cora Coralina, Lygia Fagundes Telles, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Carolina Maria de Jesus, entre outras tantas que compuseram a nata da literatura feminina. Maria Firmina foi a referência forte feminina para a maioria das mulheres que se inspiraram em sua escrita, em sua autonomia e personalidade forte e muito a frente de seu tempo, rompendo com padrões socioculturais construídos em cima da fragilidade que é taxada às mulheres contemporaneamente.

A análise do discurso é de suma importância para a compreensão dos fatores externos que relacionam o discurso com quem o escreve, como cita Orlandi (1999) levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade.

Para relacionar o discurso literário com a realidade em que se desenvolve a obra é necessário compreender em que momento histórico essa obra foi escrita, quem a escreveu, a relação entre os personagens e o meio em que se passa a narrativa. Estes elementos são indispensáveis para a análise

do discurso literário. A narrativa tem uma relação direta com quem a escreveu, por isso a importância do reconhecimento da autoria, que no contexto histórico da escrita de Úrsula, foi sucumbida. Depois do reconhecimento da autoria pôde-se perceber o quão relevante era a informação da autoria para a compreensão do discurso, visto que, uma narrativa feminina em meados do século XIX falando sobre escravidão e sobre mazelas sociais pertencentes ao contexto histórico em que a narrativa estava inserida demonstra a relevância social, a inserção de gênero, a personalidade na escrita, e o momento social presentes na narrativa, trazendo autenticidade à obra. Para determinar a relação entre a mulher e o discurso literário precisa-se analisar o contexto social ao qual essa mulher foi pertencente, como ela foi inserida no meio literário e quais os recursos que deram voz a ela até o presente momento, e para entender por onde passou a personificação feminina que foi construída até aqui, muitas vezes formada em cima de traumas sociais dilaceradores, desumanos, de recusa da identidade, é necessário fazer uma análise crítica do discurso literário feminino. “É aqui, então, que se coloca a importância da situação em que se desenvolve o discurso (personalidade dos interlocutores, tipo de relacionamento que existe entre eles, situação ambiental, social e circunstancial)” (VANOYE, 2007, p. 26)

O discurso feminino absorveu características melancólicas, subversivas e insurgentes, pois compactuou com o momento social em que a mulher estava inserida, apesar de alcançar o improvável ao se inserir minimamente nas produções literárias da época, posto que a herança falocrática, ainda latente, construía uma desvalorização que se estendera por anos. A aceitação do discurso literário feminino na literatura tem se tornado uma questão de luta de classe, luta essa que transpõe as causas enraizadas do feminismo e o leva para uma vertente contemporânea, fazendo-o ressignificar o movimento no século XXI, com o passar dos anos a ‘voz feminina’ ganhou força através das causas feministas e pela luta por igualdade de gênero, política e sociocultural, a relação gênero e raça são fatores que causam privilégio ou desfavorecimento. Como cita Hooks (2016 p.01),

O feminismo de que elas tanto ouvem é protagonizado por mulheres que estão primeiramente comprometidas com a igualdade de gênero – salários iguais para funções iguais, e alguns homens dividindo com as mulheres os cuidados da casa e das crianças. Elas vêem que aquelas mulheres são usualmente brancas e materialmente privilegiadas.

Diante de diversos contextos, em variadas épocas, o discurso feminino foi além da insignificância a qual era fadado, se modificou, ressignificando-se e assumindo causas sociais, raciais, de gênero. As mudanças discursivas ao longo dos anos não atingiram somente o gênero em questão, elas projetaram na sociedade os reflexos das mudanças socioculturais alcançadas por mulheres de acordo com o momento social, cultural e histórico em que estas mulheres estavam no momento da escrita de suas obras, da necessidade de um posicionamento discursivo efusivo surgem movimentos sociais revolucionários em busca de alteridade. Um desses movimentos sociais foi o feminismo, que também é atravessado pelas mudanças estruturais discursivas. Movimento que emana a mais profunda insatisfação da mulher com as causas sociais desigualitárias e que sugere igualdade política, filosófica e social, esse movimento encontrou na mudança discursiva feminina embasamento filosófico para as defesas por igualdade da causa. Segundo Hooks (2016, p 01),

Milhares de pessoas pensam que feminismo é sempre e somente sobre mulheres buscando ser iguais a homens. E uma grande maioria dessas pessoas acha que feminismo é anti-homem. O desconhecimento que elas têm sobre políticas feministas reflete a realidade de que muitas delas aprendem sobre feminismo nos meios patriarcais de comunicação de massa.

Essas políticas projetam os avanços intelectuais de mulheres que, não mais, se sentem reprimidas

intelectualmente, agora, podendo assinar seus próprios nomes em suas obras, defender seus ideais, suas convicções e divulgar em vida seus trabalhos com propriedade sobre o seu lugar de fala, reconhecimento, convicção, empoderamento, desta forma traz para mulher e para a população conscientizada pelo discurso dela a responsabilidade social e democrática da quebra de paradigmas construídos baseados em heranças falocráticas, que começam a ser desconstruídas pela implementação social do discurso literário, tornando as práticas linguísticas menos masculinizadas e mais democráticas. É certo que a quebra de heranças hegemônicas fazem total diferença na implementação da democratização discursiva porém essa vertente não é a única quando se trata das lutas interventivas desse tipo de implementação, mobilizações sociais se mostraram bastante efusivas para quebrar as hegemonias discursivas, se tornando indispensável nesse tipo de manobra social, o coletivo se torna uma arma contra as práticas discriminatórias.

Não apenas feministas conscientes, mas muitas outras mulheres, e muitos homens, **intervêm ativamente** nos dias de hoje **para tornar as práticas linguísticas menos discriminatórias**, com graus variados de sucesso [...]. As questões de intervenção são como uma lembrança oportuna de tendências abstratas, tal como a democratização, são um exemplo resumido de lutas contraditórias, nas quais as intervenções para reestruturar as ordens do discurso podem ser resistidas de várias maneiras e estar sujeitas a várias estratégias de contenção, de modo a preservar hegemonias existentes na esfera do discurso[...].” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 254, grifo nosso).

Essas mobilizações sociais de quebras hegemônicas, já vinham implícitas no discurso literário de mulheres em épocas anteriores, pois, desde que se iniciou a busca feminina por espaço literário, a luta pelo direito ao voto, pelo direito de poder sair para trabalhar, expressados também discursivamente, a mulher vem demonstrando seu alto poder de interação social empoderada pelo discurso. Segundo Gomes (2008), a linguagem sociointeracionista, entende a linguagem como forma de ação, lugar de interação, que possibilita aos membros de uma sociedade a prática de atos. Pode-se considerar então, que o gênero feminino foi impulsionado pelos movimentos sociais que foram capazes de colocar a mulher em um posição diferenciada frente à sociedade ao longo de sua evolução social, que muitas vezes foi em busca pela igualdade de direitos com o gênero oposto, mas que atingiu também a seara da literariedade discursiva, onde ao gênero feminino também foi desprivilegiado.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Com base no que foi apresentado percebe-se que apesar das influências sociais no comportamento discursivo das mulheres, e dos avanços socioculturais que elas alcançaram nos últimos dois séculos em prol de igualdade de direitos, ainda há muito o que se alcançar quando pensamos em uma sociedade livre de preconceitos e de amarras. A democratização do discurso feminino, que o tornará acessível à grande massa social ainda está em andamento pois, o posicionamento social ainda é um fator determinante para o domínio discursivo feminino, que para ocorrer em plenitude precisa do reconhecimento do gênero pela face sociológica. O discurso feminino, que durante séculos foi minimizado, continua num processo lento e árduo de personificação e aceitação, assim como, a figura feminina continua implementando movimentos sociais que lhes tragam aceitação, colocação, igualdade e plenitude de direitos e de deveres. Os dois andam em consonância, em busca de uma melhor colocação das mulheres no contexto em que estão inseridas. Movimentos sociais mostram onde o discurso feminino posicionou a literatura feminina no século XXI, além de impulsionar a mulher e dar voz aos seus discursos, a luta por posicionamento é necessária e urgente. O lugar de fala vem sendo descoberto e explorado, ainda que lentamente, agregando mais posicionamento e legitimidade discursiva à mulher. A obra literária Úrsula, marcada como primeira de autoria feminina

no Brasil, rompeu a não fala designada à voz literária feminina, trazendo com a descoberta de sua autoria liberdade e vez para as escrituras do gênero, através de uma obra escrita por uma mulher negra que falava da história da escravidão através de um discurso realista. A participação literária feminina, que teve como precursora, Maria Firmina dos Reis, ainda que vagarosamente, apresenta à sociedade excelentes escritoras, alcança cada vez mais leitores e reflete influências da luta feminina e de movimentos sociais que buscam por igualdade de gênero.

Diante do exposto acima, compreende-se que para atingir a plenitude, a literariedade feminina precisa continuar os avanços na face sociológica explorando o lugar de fala e os movimentos sociais que empoderam o gênero e mobilizando a sociedade em seu favor. A luta de gênero, assim como a de raça, e de sexualidade são atemporais, elas exploram o sujeito e o faz ressignificar seus costumes, buscar por colaboração e parceria na luta por igualdade, afinal, não se trata de uma busca por privilégios. As causas sociais envolvidas com o gênero feminino intervêm nas práticas discursivas de diferentes gerações impulsionando a luta por igualdade de direitos e deveres. A Democratização do discurso feminino assume, então, um caráter de urgência quando se trata de impulsionar a voz feminina dando-lhe espaço no meio literário, além de ser necessária como mecanismo impulsionador para a classe, que mais uma vez se reinventa em pleno século XXI, diante da necessidade de mais uma materialização dos direitos e deveres da classe feminina.

Em suma, é relevante esclarecer que a mulher, seja ela pertencente a qualquer espaço temporal, nunca esteve em busca de privilégios, pelo contrário, sempre esteve em busca de igualdade, a luta que atravessa séculos de humilhação, silenciamento e repressão é uma luta que empodera cada geração. É uma luta que está longe do fim, visto que, ainda há muitos paradigmas a serem quebrados, como a capacidade feminina, a colocação adequada do discurso, o uso do lugar de fala como privilégio, a aceitação dessa igualdade pelo gênero oposto, são questões que atravessam a igualdade em questão, mas que se não forem tratadas socialmente, sempre implicarão em desigualdade e não serão vencidas em sua totalidade. Os movimentos sociais são fortes aliados na democratização do discurso literário feminino. A mulher, muitas vezes pegou carona na ascensão desses movimentos, e tem neles uma grande parcela do sucesso de suas lutas de causa, além de corroborar com as causas das minorias em geral, são de suma importância para a evolução sociocultural da população, além de funcionar como ferramenta para quebrar as barreiras do preconceito levando a um eficiente esclarecimento social. Desta maneira, o presente artigo buscou ao longo de suas pesquisas bibliográficas mostrar os efeitos sociais pertinentes ao discurso feminino e às suas experiências, principalmente no meio literário, analisou a principal obra literária de autoria feminina no Brasil, reconheceu os movimentos sociais como mecanismos impulsionadores das causas femininas, enfatizou a importância de democratizar o discurso literário com vistas para uma sociedade esclarecida, proficiente e empática para com as causas femininas. Desta maneira, fica claro que a plenitude de direitos ainda não existe em se tratando de gênero e que essa busca por igualdade, deixou nas relações sociais heranças, que impulsionaram socialmente o gênero feminino, que conforme a sociedade muda, precisa se reinventar e que apesar dos movimentos sociais não serem eficientes a longo prazo, a sociedade precisa de um esclarecimento social efusivo e constante para manter o reconhecimento dos direitos da classe feminina, que continua com o passar dos anos sendo minimizada. A classe feminina porém, merece o devido reconhecimento por tantas barreiras rompidas pelas mulheres ao longo da história da humanidade e tem como um dos caminhos a ser trilhado a democratização discursiva da literariedade feminina.

Desta forma, o presente artigo explorou a narrativa feminina, abordou a forma como as mulheres avançaram socialmente e trouxe uma breve explanação dos pontos que devem ser enfatizados ou melhorados para chegar à democratização discursiva literária do gênero em questão, fazendo uma abordagem direta e qualitativa da história da literatura feminina no Brasil e citando seus principais nomes com vistas para as conquistas da causa feminina por igualdade de direitos com o objetivo de alavancar a democratização discursiva feminina e valorizar o gênero, enfatizando o discurso feminino e salientando sua propriedade em função das experiências socioculturais femininas.

ALVES, Miriam. **A literatura negra feminina no Brasil** - pensando a existência. Revista da ABPN, n.3, v.1, nov.2010-fev. 2011, p. 181-189.

ALVES, Ana Carla. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres**. IV Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social 29 a 31 de maio de 2013 – Fortaleza – CE – UECE – Itaperi. http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf. Acessado em 02 de agosto de 2020 às 17: 51.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico. O que é, como se faz**. 52 ed. São Paulo, Edições Loyola, 2009.

BARROS, Erica Patrícia. **Os liames entre a sociolinguística e a literatura: análise da linguagem construída no romance um manicaca**. Universidade

federal do Piauí- UFPI, Programa de Pós-graduação em letras-PPGL, vol.3, n.1,

jan. jul.2016 ISSN2359-2265. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/b787/b6a73a6b6f1197a2d47c42567b51f63d8b>

cd.pdf.

Acessado em 02 nov, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo, fatos e mitos**. São Paulo, Difusão Européia do livro, 4º edição, 1970.

BORTONI, Ricardo; STELLA, Maris 1945- **Nós chegemu na escola, e**

agora?São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

DUARTE, e.a. **Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira**. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*, A escrava. Atualização do texto posfácio de Eduardo De Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres. 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades: ensaios**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005, p. 113-131.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d' água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

GOMES, Jaciara. Discurso feminino: **Uma análise crítica de identidades sociais de mulheres vítimas de violência de gênero**. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e

Comunicação- Departamento de letras. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7380/1/arquivo3558_1.pdf. Acessado em: 31 mar. 2020.

GREGORI, Juciane. **Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos**. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 30, n. 2 – Jul./Dez. 2017 – ISSN online 1981-3082. <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/38949> . Acessado em: 04 ago. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HAYANA, Thaís. Protagonismo feminino negro: Uma inserção de gênero e raça na literatura contemporânea brasileira. In: XII Mostra científica - Conhecimento e saber: Interlocução necessária na formação acadêmica. **Anais...** Faculdade **São Luís de França**. Aracaju, 2019.

HOOKS, Bell. **Políticas feministas: De onde partimos**. Disponível em <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/politicas-feministas-de-onde-partimos-e28093-bell-hooks>. Acessado em 02 nov. 2019.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Giezi, **A sociolinguística e o modernismo no Brasil – aspectos variantes da língua**. UFRN, NATAL- RN. Disponível em:

<https://echla.ufrn.br/shXVII/Anais/GT13/13.11.pd>. Acessado em 02 nov, 2019.

ORLANDI, E. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Ed. Pontes, 1999. <https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/ORLANDI-Eni-P-Analise-Do-Discurso-Principios-e-Procedimentos.pdf>. Acessado em 02 nov, 2019.

REIS, Maria Firmina dos, **Úrsula**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica**. 2. ed., 3 reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SARFATI, Georges-Élia. **Princípios da análise do discurso**. São Paulo: Ática, 2010.

SODRÉ, M. Best Seller: A Literatura de Mercado. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1997.

ROSSINI, T. (2014). **A construção do feminino na literatura: representando a diferença.** *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, 3(1), 288-312. Retrieved from <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/16761>. Acessado em 02 de agosto de 2020 às 17: 51.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem: Problemas e técnicas na produção**

oral e escrita. 13 ed, São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEINREICH, Uriel & LABOV, William HERZOG Marvin I. **Fundamentos**

empíricos para uma teoria da Mudança Linguística. 2006, São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

[1] Falocrático: Relativo à falocracia; Ideologia cuja base se sustenta na premissa básica de que o poder político/econômico, em diversos âmbitos, deva ser exercido somente por homens. Dicionário online de Português Dicio, <https://www.dicio.com.br/falocracia/> , Acessado em 26|04|2020 às 16:15 hs.

Graduanda do curso de Letras- Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França E-mail: thaisandrady24@gmail.com